



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ANDRÉ ANDERSON SOUSA DIAS

**PRÁTICAS METODOLÓGICAS E ENSINO DE GEOGRAFIA:
uma atividade de intervenção no âmbito do Exame Nacional do Ensino Médio,
na Escola São Sebastião em Campina Grande-PB**

**CAMPINA GRANDE
MAIO DE 2016**

ANDRÉ ANDERSON SOUSA DIAS

**PRÁTICAS METODOLÓGICAS E ENSINO DE GEOGRAFIA:
uma atividade de intervenção no âmbito do Exame Nacional do Ensino Médio
na Escola São Sebastião em Campina Grande-PB**

Monografia apresentado ao curso de licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento as exigências legais para obtenção do grau de licenciado em Geografia.

Orientadora: Juliana Nobrega de Almeida

**CAMPINA GRANDE
MAIO DE 2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D541p Dias, André Anderson Sousa
Práticas metodológicas e ensino de geografia [manuscrito] :
uma atividade de intervenção no âmbito do Exame Nacional do
Ensino Médio, na escola São Sebastião em Campina Grande - PB /
André Anderson Sousa Dias. - 2016.
51 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Juliana Nobrega de Almeida,
Departamento de Geografia".

1. Ensino de Geografia. 2. Metodologia de ensino. 3.
Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. I. Título.
21. ed. CDD 372.891

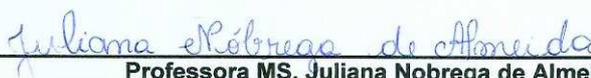
ANDRÉ ANDERSON SOUSA DIAS

**PRÁTICAS METODOLÓGICAS E ENSINO DE GEOGRAFIA:
uma atividade de intervenção no âmbito do Exame Nacional do Ensino Médio
na Escola São Sebastião em Campina Grande-PB**

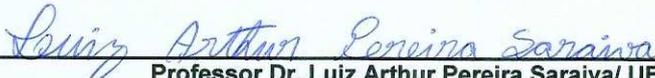
Aprovado em 06 de Maio de 2016

Monografia apresentado ao curso de licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento as exigências legais para obtenção do grau de licenciado em Geografia.

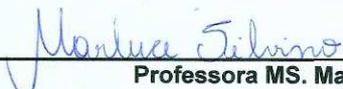
BANCA EXAMINADORA



Professora MS. Juliana Nobrega de Almeida/ UEPB
Orientadora



Professor Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva/ UEPB
Examinador



Professora MS. Marluce Silvino/ UEPB
Examinadora

CAMPINA GRANDE
2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me concedeu o dom da vida e me guiou durante os momentos difíceis.

À minha família, em especial a minha mãe, MARIA DE FÁTIMA, que sempre fez o possível e o impossível para me fazer feliz e me ajudou nessa caminhada. Posso falar com toda certeza que essa conquista só foi alcançada com a ajuda da minha família, por isso, e muitas outras coisas, dedico esta vitória a vocês, a quem eu amo do fundo do meu coração.

Aos meus sobrinhos, CARLOS e TAYNARA, que sempre recorreram a minha ajuda nas atividades de Geografia.

Meus cumprimentos às minhas irmãs, ANDREIA e ADRIANA, que sempre me incentivaram a trilhar a vida de forma harmoniosa, contando sempre com a ajuda de ambas.

Aos meus amigos de curso, onde guardo com carinho os momentos e experiências vividas. Ao qual não posso falar o nome, por falha de esquecer-se de um, e esse um é muito importante.

A uma série de TV chamada LOST, porque me fez olhar as coisas de outra forma e pela qual guardo um grande apreço. Posso falar, com toda certeza, que ensinamento não se encontra apenas em livros, mas sim de onde podemos tirar algum proveito.

Agradeço aos professores do curso de Geografia da UEPB, que zelam com tanta paixão pela profissão a qual decidiram seguir, contribuindo com a qualidade na formação docente em um país tão carente de ensino.

Meu cumprimento a minha orientadora, pela atenção prestada e por me ajudar a desenvolver esta pesquisa acadêmica, mesmo com suas ocupações e adversidades, dessa forma, divido esse mérito com sua pessoa.

Meus sinceros agradecimentos à professora, Josandra Barreto de Melo, que coordena com esforço e garra o Projeto de Iniciação a Docência - PIBID, por me conceder a oportunidade de fazer parte, durante dois anos, desse maravilhoso projeto.

Agradecer a escola Doutor Hortêncio de Sousa Ribeiro (Premem), onde pude viver minhas primeiras experiências pelo PIBID no ano de 2013, e foi o ponto de partida para desabrochar essa pesquisa.

Admiro os que amam viver de maneira simples sem necessidade do muito.

**O SENHOR GUARDARÁ A TUA ENTRADA E A TUA SAÍDA, DESDE AGORA E
PARA SEMPRE.
SALMO 121:8.**

RESUMO

SOUSA, André Anderson. **PRÁTICA METODOLÓGICA E ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO NO ÂMBITO DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO**, 2016. 47. p. Monografia de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. UEPB - CEDUC. Campina Grande, Paraíba.

Este estudo expressa as análises efetivadas a partir das experiências desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB, materializado na E.E.E.F.M. São Sebastião, em Campina Grande-PB no ano de 2014. Tendo como objetivo principal fomentar os alunos do 1º e 2º ano do Ensino Médio a conhecerem e participarem da edição 2014 do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por meio de atividades interventivas realizadas pelo projeto PIBID, o estudo ainda buscou analisar a prática das metodologias de Ensino da Geografia, como forma de examinar como se estruturou o processo da Geografia tradicional no contexto escolar, suas permanências e mudanças, e verificar se no período atual ainda nos remete a metodologias arcaicas, possibilitando traçar como expectativa do estudo de intervenção o estímulo à participação dos alunos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), de modo a contribuir com novas propostas metodológicas para o Ensino de Geografia, procurando desconstruir a ideia dos discentes que em muitos casos enxergam o ensino da disciplina como, cansativo descritivo e repetitivo. Nesse sentido esta pesquisa buscou construir uma nova perspectiva para o ensino de Geografia, sobretudo para apresentá-lo como uma possibilidade para que o aluno consiga superar desafios, compreender o meio e espaços circundantes, sobretudo a partir da inter-relação entre o que se ensina e o que se vive fora da escola. O projeto de intervenção realizou-se em turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio. Esta pesquisa enquadra-se como participativa, com uma metodologia seguindo uma abordagem bibliográfica, embasada junto a referências como: Carvalho (1925), Vlach (2006), interligada a uma pesquisa de campo por meio das intervenções conhecendo os aspectos inerentes às práticas de ensino da Geografia junto aos discentes do Ensino Médio, partindo ainda de observação empírica e aplicação de questionários, como mecanismo de identificar o grau de conhecimento dos alunos em relação ao ENEM, de forma a incentivar a sua participação nesse certame. A proposta possibilitou aguçar o potencial crítico dos alunos e contribuir com novas metodologias de ensino da Geografia, de modo a articular o ensino por meio de competências e habilidades, principalmente para construir um novo conceito sobre a disciplina de Geografia na escola, como também elevar o índice de participação dos discentes na edição do Enem 2014.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Metodologias de Ensino. Enem.

ABSTRACT

SOUSA, Andrew Anderson. **METHODOLOGICAL PRACTICE OF GEOGRAPHY TEACHING: AN INTERVENTION ACTIVITY IN THE NATIONAL SURVEY OF HIGH SCHOOL**, 2016. 47 p. Undergraduate thesis in Full Degree in Geography. UEPB - CEDUC. Campina Grande, Paraiba.

This study expresses the analysis effect from the experiences of the Institutional Scholarship Program Introduction to Teaching - PIBID / CAPES / UEPB, materialized in E.E.E.F.M. San Sebastian in Grande-PB Campina in the year 2014. Its main objective is to foster the students of 1st and 2nd year of high school to know and participate in the edition 2014 National Survey of Secondary Education (ENEM), through interventional activities of the PIBID project, the study also sought to examine the practice of geography teaching methodologies, in order to examine how it has structured the process of traditional geography in schools, its continuities and changes, and check the current period still in refers to archaic methods, making it possible to trace as an intervention study forward to encouraging the participation of students in the National Secondary Education Examination (ENEM), in order to contribute to new methodological proposals for Geography Education, seeking to deconstruct the idea of students that in many cases they see the teaching of discipline as descriptive and repetitive tiring. In this sense, this research sought to build a new perspective to the teaching of Geography, especially to present it as a chance for the student to overcome challenges, understand the environment and surrounding areas, particularly from the interrelation between what is taught and who live outside the school. The intervention project was carried out in groups of 1st and 2nd year of high school. This research is part of how participatory, with a methodology following a bibliographic approach, based along the references as Carvalho (1925), Vlach (2006), connected to a through field research of interventions knowing the aspects of the teaching practices Geography students at the high school, starting even from empirical observation and questionnaires, as a mechanism to identify the degree of knowledge of students in relation to the ESMS in order to encourage their participation in this event. The proposal made it possible to sharpen the critical potential of students and contribute to new teaching methods of geography in order to articulate education through skills and abilities, especially to build a new concept of the discipline of geography at school, but also raise the of students participation rate in the edition of ENEM 2014.

Key-words: Geography Teaching, Teaching Methodologies, Enem.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1,2,3,4 – Conhecendo o Ambiente Escolar	29
Figura 5,6 – Aplicação de Questionario	32
Figura 7,8 – Conhecendo a Biblioteca.....	38
Figura 9,10 – Aula Sobre Climias	39
Figura 11,12,13 – Apresentação Sobre os Tipos de Solos Pelos Alunos	40
Figura 14,15 – Video Sobre Solos na Sala de Informatica	41
Figura 16,17,18,19 – Montagem do Perfil de Solo	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Você gosta da disciplina Geografia	33
Gráfico 2 – Você sente alguma dificuldade em estudar Geografia.....	34
Gráfico 3 – Você conhece o Exame Nacional do Ensino Médio.....	34
Gráfico 4 – Você pretende fazer o ENEM, edição 2014	35
Gráfico 5 – Você conhece os mecanismos necessários para participar do ENEM como taxa de inscrição, para que serve, quem pode participar, quais conteúdos são abordados	36

LISTA DE QUADROS

Tabela 1 – Dependências físicas da escola	31
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 O Ensino de Geografia: Permanências e Mudanças no Contexto Escolar...16	
2.2 Contribuição da Prática de Ensino da Geografia para Realização do Enem22	
3 O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO E SUAS COMPETENCIAS.....	26
3.1 Observação na Escola São Sebastião.....	28
3.2 Caracterização da Escola São Sebastião.....	30
3.3 Dependências Físicas da Escola.....	31
4 AS CONTRIBUIÇÕES DO SUBPROJETO PIBID NA ESCOLA SÃO SEBASTIÃO EM CAMPINA GRANDE.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICES.....	50

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a prática do Exame Nacional do Ensino Médio, no contexto das metodologias do ensino de Geografia, nas turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio, na E.E.E.F.M. São Sebastiao, localizada na cidade de Campina Grande-PB. Percebe-se que a cada começo e fim de um ano letivo ocorre um aumento quantitativo por uma grande parte dos discentes na busca por inscrições para realização do ENEM.

Dessa forma, a atenção maior para esse fim se dá junto aos concluintes do Ensino Médio, desarticulando do processo preparatório para os discentes do 1º e 2º ano, de modo à desconfigurar a própria nomenclatura do ENEM, onde contempla todo o Ensino Médio e não apenas os alunos do 3º ano.

Em cada edição do exame escolas e cursinhos preparatórios discutem novas maneiras de trabalhar o ensino, de forma a contemplar as diretrizes curriculares exigidas pelo exame, onde possui características próprias e inerentes a metodologias de ensino de maneira interdisciplinar já que essa avaliação ocorre por bloco disciplinas, ou áreas do conhecimento, como linguagens, códigos e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; e ciências da natureza e suas tecnologias; e, aqui destacado, ciências humanas e suas tecnologias onde se enquadra a disciplina Geografia. Os mecanismos práticos dessa forma de avaliação se dar pela introdução da interdisciplinaridade, porém nem sempre ela ocorre de maneira efetiva nas escolas, ou seja, nem sempre os conteúdos e disciplinas são trabalhados de maneira que venha a contemplar duas ou mais disciplinas escolares, articulando o processo do conhecimento.

Assim, a temática dessa pesquisa se justifica pela necessidade de contribuir com o ensino contextualizado, amplo e diversificado e ainda, introduzir os alunos do 1º e 2º ano Ensino Médio, a conhecerem os mecanismos de funcionamento do exame, como também as diretrizes metodológicas, necessárias à realização de cada edição, além de ressaltar a importância de trabalhar o conhecimento Geográfico de maneira dialogada com outros saberes.

Nesse sentido, o objetivo central da pesquisa foi instigar os alunos a conhecerem e participarem do Enem, de forma a contribuir com novas metodologias de ensino da disciplina Geografia, bem como ressaltar a importância do exame como meio único e exclusivo de entrada em universidades públicas, bem como trabalhar a

leitura dos discentes de modo a conhecer os ambientes escolares como a biblioteca, como uma forma a instigar a leitura, além de desenvolver durante o período de atuação uma série de atividades interventivas com conteúdos geográficos, como: solos, clima, entre outros; sobretudo para destacar a importância do ensino da Geografia dentro do exame, junto a Ciências Humanas e suas Tecnologias, na aquisição dos conhecimentos interdisciplinares.

A construção da pesquisa partiu inicialmente de observações junto às aulas da disciplina Geografia, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), que tem por princípio a formação inicial e continuada contribuindo com novas metodologias de ensino, em escolas da rede pública de ensino. Assim a partir de observações percebeu-se a necessidade de articular um projeto que direcionasse as aulas por meio de atividades dinâmicas onde a participação dos alunos seja objeto de enfoque, de forma a contemplar novas metodologias de ensino da Geografia, impregnado a prática do ensino crítico e reflexivo, além de prepará-los para contemplar e participar da edição 2014 do ENEM.

Em termos metodológicos esta pesquisa possui uma tipologia participativa, construída com uma abordagem bibliográfica, utilizando conteúdos literários, a exemplo de Carvalho (1925), Vlach (2006), Verissimo (1985), entre outros, como meio de aprofundar a referente pesquisa, retratando assim, a perspectiva do ensino da Geografia, sob o ângulo da prática metodológica, ou seja, analisar o percurso das práticas de ensino e como a mesma se propagou pelo território nacional estabelecendo em suas práticas a decoreba e a descrição, caracterizando procedimentos de ensino clássicos.

A importância de analisar esse processo explica-se por entender como esses conceitos das práticas sobre o ensino da Geografia evoluíram, essas permanências se iniciam no próprio bojo do conhecimento geográfico e se estendem até a atuação de professores que cobram aos alunos práticas decorativas, enfatizado sempre a memorização, enraizada nos acidentes geográficos, nomes de rios, montanhas, entre outros, de forma descontextualizada das manifestações, sem interpretação.

Dessa forma a pesquisa de campo ocorreu junto à aplicação de questionários investigativos, aplicado em duas turmas, sendo uma do primeiro ano e uma do segundo ano Médio, totalizando assim uma amostra de 60 alunos, com a finalidade de inquirir os alunos previamente a respeito de seus conhecimentos sobre o ENEM e sobre a disciplina Geografia, como os mesmos enxergam, e o que poderia mudar

em relação ao ensino geográfico, para um melhor aproveitamento, na educação dos alunos, de forma a criar alternativas metodológicas, e criar condições para que o aluno participe do processo ensino aprendizagem.

O questionário era constituído em sua totalidade 11 perguntas de múltipla escolha, sendo elas abertas e fechadas, com alternativas de sim ou não e porque? referente ao ENEM e a disciplina Geografia. Dentro dessa perspectiva vale salientar que algumas inquietações nortearam esse estudo, dentre elas a persistência da falta de estímulo pelos alunos do 1º e 2º ano do Ensino Médio em realizar o Exame Nacional do Ensino Médio, por qual motivo ainda persiste a prática de "exclusão" do exame o 1º e 2º ano do ensino médio, será a falta de planejamento direcionando os alunos muitas vezes a passividade de escolhas, ou mesmo falta de autonomia dos professores junto à instituição, será que os mesmos tendem a seguir a risco o calendário sendo impossível trabalhar a temática, junto as series iniciais do Ensino Médio.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Ensino de Geografia: Permanências e Mudanças no Contexto Escolar

A Geografia escolar direciona os alunos a analisar as práticas sociais de forma crítica, em seu acervo metodológico contem os mecanismos necessários sistematizados em assuntos capazes de levar o aluno a refletir sobre as práticas humanas sobre o espaço. É tema central nas propostas curriculares da Geografia esclarecer o papel dos discentes no trajeto dessas práticas para assim reformular teorias que evidencie a centralidade dos conteúdos por meio dos alunos ressaltando cada vez mais a importância de introduzir alunos no processo de ensino aprendizagem, com intuito de moldar alunos racionais e rever o papel social na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Como disciplina escolar contém os meios necessários para que o aluno compreenda o espaço e sua dinâmica por meio das escalas de análise geográfica, como lugar, território, região entre outros, tendo como possibilidade a formação de alunos críticos, como nos informa André (2014) ao entenderem que é a partir das relações espaciais que prevalecem à relação entre homem e natureza, colaborando para humanização do espaço. No entanto, mesmo com essas contribuições, a Geografia escolar vem perdendo cada vez mais sua identidade, em decorrência do modo como ela é vista no contexto escolar. O alunado a enxerga como cansativa e descritiva, distante de atender as perspectivas ou acontecimentos reais. Decorre que essa estrutura geográfica é fruto da própria caracterização da Geografia como ciência.

Diante do exposto, percebe-se que as mudanças e permanências ultrapassam as barreiras estabelecidas pelo contexto educacional atual. Segundo Kaercher (2011), essas mudanças necessitam de novas configurações curriculares, onde as práticas metodológicas se relacionem com as transformações ocorridas no tempo e no espaço, interligando todo e qualquer conteúdo ao perfil do aluno, levando sentido as mudanças espaciais e compreendendo “o porquê das coisas acontecem”. Como afirma Kaercher:

Esses fragmentos de textos nos permitem compreender que as metodologias de ensino de geografia apresentam um movimento de permanência e resistência ao longo de muito tempo, sendo que parte delas

é vista como um problema que perdura na prática escolar até os dias atuais. Por outro lado, contudo, é possível enxergar propostas de ruptura em cada uma dessas situações (KAERCHER, 2011, p.18).

Para configurar o processo atual do ensino da Geografia Escolar no Brasil, é necessário voltar ao século XIX. Segundo Albuquerque (2011), o percurso da Geografia inicia com sua institucionalização como disciplina escolar na Escola D. Pedro II, em 1837, no Rio de Janeiro. No entanto, é no início do século XX, que se têm mais pesquisas e contribuições a exemplo de autores como Verissimo (1895), que já abordava em 1920, o processo de formulações teóricas metodológicas, ou seja, analisavam o percurso dessas práticas, tentando estabelecer o elo entre o passado e o presente, com intuito de descobrir o porquê o ensino atual ainda, permanece regrado nas bases tradicionais, acrítica e positivista.

Assim, entre o período de 1827 a 1946, temos a efetiva participação do Estado brasileiro na promulgação de leis a exemplo da lei 15 de outubro de 1827, que tornava obrigatório o ensino da Geografia, estabelecendo alguns critérios metodológicos na prática do ensino. Como nos informa Vlach:

O ensino de geografia não integrava diretamente os conteúdos das escolas de primeiras letras. Isso não impediu, porém, que se fizesse presente de maneira direta nessas escolas. Sua presença ocorria por meio da história do Brasil e da língua nacional, cujos textos enfatizavam a descrição do território, sua dimensão, suas belezas naturais (VLACH, 2004, p.189).

Nessa perspectiva, verifica-se de fato a constatação de distintos períodos, que agravavam ainda mais as práticas metodológicas do ensino da Geografia, pode-se inicialmente, aferir-se a movimentos conturbados da política ou mesmo a mudanças de poder, dessa forma a reorganização do espaço se dá a partir do nacionalismo, de modo que o conhecimento do país, seja palco das metodologias de Ensino, trabalhado na época, dando destaque a prática de memorização de cidades e capitais, e belezas naturais. Desvinculando o sentido epistemológico do ensino da Geografia, onde os objetos e objetivos não os direcionam a atividade da criticidade apenas da exaltação nacional.

No bojo dos movimentos de independência 1822 de proclamação da república 1889 e de libertação de escravos 1888 todo um novo contexto histórico se configura no país. Uma série de movimentos intelectuais passa a compor o debate a cerca do papel da educação na formação da nação brasileira. Nesse contexto, a escola e, mais especificamente, o ensino de

geografia e Historia, tornam-se essenciais á difusão de ideias patrióticas (REGO, et al, 2011, p. 18).

Logo, partindo desse breve histórico, verifica-se através do tempo uma das maiores crises, que se remete a prática do ensino da Geografia, ou seja, a própria oficialização do Estado em submeter o ensino por meio da descrição, que tem como consequência, segundo Vlach (2006) um método de ensino que supervaloriza a memorização de inúmeras informações e seu distanciamento da realidade.

Contudo, a Geografia, tal como se ensina nas escolas, apresenta um aspecto do tradicionalismo, herdada dos pensamentos de seus idealizadores, como afirma Moreira (2007), seus percursos ao passo de Karl Ritter e Humboldt preocuparam-se em valorizar a descrição das paisagens em detrimento do social, como se paisagens e descrições fossem autônoma das relações sociais. Dessa forma, essas mesmas concepções expandiram-se pelas tendências metodológicas de ensino, desconfigurando a importâncias das relações que se processam no âmbito do espaço entre homem e natureza, em especial as transformações que o homem acarreta as paisagens na materialização dos seus ideais, tais ideias também chegam à escola.

No contexto dessas práticas, cabe ressaltar como se configurou o tradicionalismo e como a mesma se incorporou ao ensino da Geografia, como informa Vlach:

A partir de sua inserção na escola, ela passa a ter uma função: mostrar através de descrições, mapas com contorno do país e da observação direta do meio circundante o próprio Estado nação, valorizando-o e criando laços de respeito e dedicação a imagem da pátria, para que se fosse preciso, se lutasse/ guerreasse por ela. Assim a Geografia oficializou-se nas escolas com o objetivo de for mar o futuro patriota/saldado (VLACH, 2006, p. 2684)

Se temos um século de práticas de ensino remetidas a ressuscitar modelos arcaicos de ensino, desvinculando o aluno de uma formação crítica, convida-se a pensar como afirma Albuquerque (2011) "o descompasso entre o, que se propõem para o ensino dessa disciplina e as queixas sobre as práticas escolares dos professores" ao passo de se refletir se realmente os alunos compreendem o que é Geografia, e se de fato os professores ensinam Geografia.

A influência desses fatores deixou marcas parceladas em distintos períodos da educação. É certo dizer que a Geografia, ainda hoje, é vista pelos alunos

associados à descrição de mapas e decorebas de capitais, e estes mecanismos reproduzem um movimento pela permanência e reprodução dessas metodologias, tornando o processo um círculo vicioso.

No Brasil, o ensino da Geografia passa por esse processo de evolução, conquistas e retrocessos, essas características podem ser percebidas no interesse das classes dominantes em dominar, ou reduzir conhecimento geográfico, para fins políticos.

Segundo Rego (2011), no período da ditadura militar, a disciplina escolar da Geografia foi praticamente extinta do currículo escolar, sendo substituídas pelos Estudos Sociais. De acordo com Vlach (2006), por meio da resolução 8, de 1 de dezembro, do conselho Federal de Educação, sob a lei 5692/71, fixando as seguintes determinações na integração curricular: Em estudos sociais a Geografia, a História e a organização política do Brasil, descaracterizando os conteúdos específicos das disciplinas.

As aulas de Geografia ficaram restritas aos conteúdos que interessavam àqueles governos, com práticas mnemônicas das nomenclaturas e dos conteúdos estabelecidos pelos militares, preocupados com a extensão territorial do país, ricos em recursos e beleza naturais.

Com a abertura política e a redemocratização do país e a organização das lutas sociais, deu-se o fim dos estudos sociais e retomados estudo das disciplinas História e Geografia no currículo escolar. De forma que ampliou ainda mais os problemas já existentes, identificar o que era Geografia ou História era uma tarefa difícil acarretando divergências até os dias atuais, segundo Vlach (2006), esse processo criou um embate de dúvidas em relação aos professores, no que se tangem os currículos dos conteúdos de ambas as disciplinas.

Logo, é preciso debates sobre as práticas de ensino, como ressalta Vesentini (2004) o ensino da Geografia no Ensino Fundamental e Médio passa atualmente por fase de intensas reformulações. Um dos grandes desafios neste novo século diz respeito ao papel da escola na sociedade e suas relações com a cidadania que também se redefine com a globalização.

Essas mudanças transcorridas com o ensino da Geografia, segundo Vesentini (2004) é uma transição de uma Geografia escolar tradicional, para uma mais crítica, aquela primeira seria descritiva e a segunda seria alicerçada no paradigma “terra homem”, com uma sequência predefinida de temas: estrutura geológica e relevo,

clima, vegetação, hidrografia, população, entre outros. Um dos grandes desafios, neste novo século, diz respeito ao papel da escola na sociedade e suas relações com a cidadania, que se redefine com a globalização.

Assim, ao trabalhar esse tema, o professor regente deve, junto com as categorias geográficas, problematizar o conteúdo, de forma a intensificar as discussões. De modo que o aluno entenda que o lugar representa apenas “uma peça em um grande quebra cabeça” e que o único modo de lhe atribuir resultado é por meio da reflexão sobre o poder que a globalização exerce no território, nas diversas paisagens, nas divisões regionais e, principalmente, por meio de seu lugar, que é a porção do espaço que o aluno carrega informações inerentes a sua realidade. Assim, será possível fazer com que o discente entenda o global pelo local.

O ensino crítico, embasado nesse novo panorama, é fruto da responsabilidade de profissionais da educação, professores acadêmicos e literários comprometidos com ensino da Geografia, amparados, segundo Cavalcante (1998), em debates científicos, mesas redondas, congressos nacionais, regionais e locais, através dos quais se divulgam, discutem e se compreendem essas novas propostas.

Desse processo de evolução, emergem novos paradigmas, como o surgimento da Geografia Crítica que, segundo Moraes (1998), aponta, como nova proposta, para a denúncia das práticas mnemônicas e o uso de nomenclatura como conteúdo da disciplina. Essas propostas buscam definir os rumos metodológicos relevantes e o que se deve mudar em relação às tradições anteriores. Como aponta Kaercher (2006), não se trata apenas de acrescentar ou mudar conteúdos, mas refletir sobre os problemas referentes às metodologias inter-relacionadas no bojo das ações diárias.

Configurando o processo de ensino aprendizagem “passivo, por parte dos alunos”, de modo que uma excelente junção entre professor e aluno, seja palco de rever ou construir conteúdos, a partir dos já existentes, apenas atribuindo enfoque a despertar a dúvida nos alunos, de modo a não simplesmente aceitarem o que se vê em telejornais ou outdoors, mas ver pensar e refletir.

Papel importantíssimo de destaque que levou a discussão no centro de suas ações a respeito das metodologias de ensino da Geografia deve-se ao papel prestado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), na década de 1970, realizou amplitudes de debates fóruns e seminários, propondo alternativas metodológicas nesse contexto, como afirma Vlach (2006) resultando assim na volta

da discussão e propondo soluções que visam à integridade da disciplina.

Cursos de graduação em Geografia retomam novos rumos de forma a problematizar a prática da formação docente, a efervescência dos estudantes colocam novamente em questão, qual o papel da Geografia como disciplina escolar discussões como essas permearam todo o contexto das décadas de 1970 e 1980 e permanecem até os dias atuais, com intuito de reascender novos paradigmas.

Esta articulação entre os grupos que discutem a Geografia Escolar no Brasil abre oportunidades para novas pesquisas e incentiva os alunos da graduação a problematizarem sua própria formação no mercado de trabalho: a educação. Tal dinâmica, que começou no final dos anos 1970 e avançou de maneira extraordinária durante a década de 1980, mostra que a Geografia Escolar começou/recomeçou a provocar reflexões no seu todo e, em suas particularidades, de maneira que em 1999, foram apresentados 280 trabalhos no 4º Fala Professor – Encontro Nacional de professores de Geografia, realizado em Curitiba, Paraná, e depois, mais de 500 no 5º Fala Professor de Geografia, realizado em Presidente Prudente – São Paulo, em 2003 (VLACH, 2006, p. 7).

A proposta curricular de Geografia da coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (SEE de São Paulo/CENP,1986) trouxe um novo enfoque para o ensino da Geografia, apresentando fundamentação teórica pautada pelas análises marxistas.

Esse documento foi um referencial para elaboração de propostas curriculares em muitos estados brasileiros. Estabelecendo no ele de suas diretrizes para as práticas educacionais questões ligadas ao impacto do capitalismo Neoliberal no mundo globalizado, e suas ações junto ao espaço, o paradigma terra/ homem, é visto como peça central no ensino de Geografia.

Nesse horizonte, a construção do espaço é vista de forma ampliada sob o ângulo da fenomenologia, ou seja, as realidades não seguem uma ordem linear, não prevalece uma identidade comum em relação aos lugares. Cada espaço carrega características próprias e inerentes, de acordo com a influência ou interesse dos agentes envolvidos, ou seja, de acordo com a classe social que habita determinado espaço e o constrói, segundo a disponibilidade capital e técnica, atribuindo aquele espaço suas características.

Dessa forma, entende-se que somente um aluno, letrado dos conhecimentos geográficos terá se desenvolvido plenamente para o mundo, sendo capaz de exercer sua cidadania. E esses mesmos conhecimentos devem ser preparados de

forma epistemológica e interativa, por exemplo: ao trabalhar a formação territorial do Brasil, não se deve levar em conta apenas os acontecimentos passados, mas também a influências dos interesses dos agentes formadores do espaço, de forma que o aluno duvide, sinta e compreenda a essência do espaço como fruto das relações de poder.

Portanto, o ensino da Geografia desenvolve-se por meio de abordagens críticas, na busca por um processo que trabalhe o conhecimento do aluno sobre a importância dos conteúdos, com relação a sua realidade, ou seja, de sua capacidade de atender a realidade em que o aluno está inserido. O ensino da Geografia busca as necessidades e expectativas desse alunado e lhe abrir alternativas para melhor compreender o espaço, no entanto o modo de despertar esses pensamentos nos discentes é colocar a dúvida como princípio metodológico, de modo que a aula se direcione por meio das indagações, sejam elas críticas ou não, de forma a contemplar os conteúdos por meio de uma lógica entre o local e o global.

2.2 Contribuição da Prática de Ensino da Geografia para Realização do Enem

A Geografia, enquanto disciplina, é fundamentada por meio da Constituição Federal, especificamente por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS). Tomando como referência esses documentos, a Geografia é tida como autônoma enquanto disciplina, o que a difere de outras áreas afins.

No Título II - Dos princípios e fins da educação Nacional, a LDB, lei máxima que define os pressupostos da educação, em seu Artigo 2º, ressalta os objetivos referentes à finalidade da educação, que seja “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e para o mundo do trabalho”.

Desse modo, a Geografia deve conter mecanismos epistemológicos para preparar e inserir o aluno nas práticas sociais, transformando seu papel como ser pensante e criticamente ativo referendado de escolhas e ações.

Portanto, novas propostas convergem em direcionar o Ensino por meio de uma prática reflexiva, imbuída em encaminhar os assuntos diários em conteúdos disciplinares, de modo a dar ênfase às experiências intrínsecas dos discentes, vistos como agentes sociais capazes de pensar e refletir sobre seu papel no espaço.

Dentre as novas contribuições, tem-se o surgimento de novas possibilidades de ensino da Geografia. Segundo Rego (2011), muitas transformações foram apresentadas no âmbito da Geografia escolar, como o Materialismo Histórico, a Geografia da Percepção e a Fenomenologia, promovendo novos caminhos para o ensino de Geografia e para construção de novas metodologias.

Esse processo de evolução do ensino da Geografia fornece novas colaborações como diz Rego (2011), no final da década de 1980, nos grandes centros do país, surgem novas abordagens pedagógicas como o construtivismo, como enfoque na psicologia cognitiva, que passa dar ênfase às experiências do “eu”, do vivido, dando suporte ao desenvolvimento de metodologias de ensino.

Como reflexo dessas abordagens, desenvolve-se, cada vez mais, uma Geografia escolar amparada pela ciência e suas possibilidades de compressão do mundo e por meio da integração interdisciplinar no processo de aprendizagem, como forma de compreender e interpretar os fenômenos considerando as dimensões local, regional, nacional e mundial.

Logo, as novas diretrizes de ensino articuladas as metodologias críticas, evidenciam o papel social exercido pelo ensino da Geografia, de modo a preparar os discentes a desenvolver competências e habilidades no processo de ensino aprendizagem, como é cobrado pelo Exame Nacional do Ensino Médio.

Cabe salientar que o ENEM desenvolve-se anualmente tendo como base para sua realização as disciplinas escolares subdivididas em áreas do conhecimento, sendo que a Geografia, especificamente, enquadra-se na área de Ciências Humanas e suas tecnologias.

Nesse panorama, atribui-se aos PCNs a criação de materiais específicos voltados para os conhecimentos de História, Geografia, Sociologia e Filosofia, habitualmente formalizadas em disciplinas escolares. Essas propostas apresentadas pelos PCNs foram sistematizadas tendo como contribuições trabalhos de Heloisa Dupas Penteado, Celso Favaretto, Angela Maria Martins e Nibia Nacib Pontuschka

O ensino da Geografia referenda sua contribuição ao trabalhar o espaço de forma problematizada, intercalada em seu arranjo metodológico com questões inerentes ao dia a dia, explanando-se estudos, em participação com Temas Transversais, como Economia, Direito, Antropologia, articuladas as peças chave do ensino da Geografia, ou seja, suas categorias como paisagem, lugar, região, território, com intuito de direcionar análises do espaço de forma científica e

interdisciplinar.

Segundo Fazenda (1994), a interdisciplinaridade é o meio ao qual o docente desdobra as práticas teóricas dos conteúdos por meio da psique individual dos alunos, de forma que percebam o espaço diante de seus laços de identidade e linguagem. Assim, estabelecendo no bojo das aulas o elo que os une os discentes ao mundo, para que possam encontra-se e revelar-se, ou seja, “conhecer a si mesmo”. Ainda segundo a autora, para estabelecer esse processo, algumas categorias terão que ser trabalhadas, sendo elas: diálogo, comunicação, cotidiano, prática, entre outros, juntos em um mecanismo de reciprocidade, no que se refere à problemática do conteúdo, para assim o aluno ter autonomia para dialogar frente às suas limitações.

O Ensino da Geografia tem levado, cada vez mais o alunado a compreender a dinâmica da produção espacial, a partir da sociedade em suas diferentes escalas, de modo a ser trabalhada por meio de suas representações conceituadas sobre, espaço, lugar, paisagem, região, redes, e ainda, identificar por meio desses, a práticas das ações humanas e suas construções, sejam eles históricos geográficos. Desse modo:

A Geografia compõe o currículo do ensino fundamental e médio deve preparar o aluno para: localizar, compreender e atuar no mundo complexo, problematizar a realidade, formular proposições, reconhecer as dinâmicas existentes no espaço geográfico, pensar e atuar criticamente em sua realidade tendo em vista a sua transformação (ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO/GEOGRAFIA, 2006, p.1).

Faz-se necessário que o professor esteja disposto a compreender toda realidade como única para que se tenha um melhor aproveitamento dos alunos, assim como um maior envolvimento e interação. Afinal, cada situação determinará o papel adotado pelo professor, que, percebendo isso, deve conseguir reproduzir um interessante rendimento por parte do aluno.

Kimura (2008) esclarece que o processo do ensino aprendido tem como protagonista o processo interativo, que se interpõe em um repertório de situações postas às pessoas, as quais podem elaborá-las em seu processo de perceber, sentir e pensar.

Assim, o conhecimento geográfico, como possibilidade de ensino, pode despertar a compreensão do mundo, através da análise do seu espaço. Enquanto

disciplina escolar enriquece o saber através das representações em meio à análise de produção e reprodução do espaço, percebido a partir das disparidades sociais, ao trabalhar o espaço de forma gradual e completa segundo suas características, estabelecendo critérios de classificações, bem como suas formas e funções que a mesma estabelece, dentro de um modo de produção economicamente ativo, sejam eles físicos ou humanos.

Uma abordagem de inserção dos alunos no processo ensino aprendizagem requer muito mais que a transmissão de conteúdos, o uso dos temas deve ser estruturados e sistematizados, a partir da relação entre os assuntos, e as situações locais, verificadas por meio da materialização de vida dos alunos, aferidas em seu dia-a-dia, de modo que o docente os transformem em sub assuntos, ou seja, transformar as vivências diárias dos alunos em conteúdos, como analisar a trajetória que o mesmo percorre até a escola, um passeio ao shopping.

De modo a esfacelar o que está por trás dessas paisagens, colocando assim o aluno no enfoque das discussões, de tal modo a instigar a prática da relação professor-aluno, em que os mesmos, tenham a capacidade de construir os conhecimentos, necessários ao passo das realidades individuais.

Para tanto, precisam-se atender as necessidades dos alunos, de forma que possam intercalar essas novas possibilidades com situações do cotidiano, para que os discentes se estimulem no processo de ensino aprendizagem, com as aulas de Geografia.

O Ensino da Geografia deve ser dinâmico, interativo, e especialmente, reflexivo, tendo por objetivo a formação de alunos ativos e críticos, detentores da capacidade de sentir o espaço Geográfico como fruto dos interesses humanos. Para que isso ocorra, o docente deve estar ciente das nas novas discussões metodológicas, de modo a influenciar seus alunos pela busca da autonomia individual, e coletiva.

3 O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO E SUAS COMPETÊNCIAS

De acordo com o INEP, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), foi criado em 1998 com propósito de avaliar o desempenho dos estudantes da educação básica, buscando contribuir para a melhoria da qualidade desse nível de ensino. É um exame de aplicação anual, destinado aos alunos do Ensino Médio especialmente aos concluintes. A realização de cada edição se dá a partir da oferta de vagas disponibilizadas por instituições de ensino superior, públicas ou privadas, com ênfase na formação superior e tecnicista voltada para o mercado de trabalho. As mudanças ocorridas desde sua formação contribuíram para democratização do ensino, contribuindo de forma positiva para o acesso às vagas, passando de método avaliativo, para meio indispensável à busca pelo ensino superior e técnico (IFES).

O principal objetivo do Exame Nacional do Ensino Médio é averiguar o desempenho dos alunos do Ensino Médio, baseado no currículo flexível dessa modalidade de ensino, que se utilizam do mesmo como método de ingressar no ensino superior.

O objetivo fundamental de avaliar o desempenho do aluno ao término da escolaridade básica, para aferir o desenvolvimento das competências fundamentais ao exercício pleno da cidadania. Pretende, ainda, alcançar os seguintes objetivos específicos: A oferecer uma referência para que cada cidadão possa proceder à sua autoavaliação com vista às escolhas futuras, tanto em relação ao mercado de trabalho quanto em relação à continuidade de estudos; b. estruturar uma avaliação da educação básica que sirva como modalidade alternativa ou complementar aos processos de seleção nos diferentes setores do mundo do trabalho;c. estruturar uma avaliação da educação básica que sirva como modalidade alternativa ou complementar aos exames de acesso aos cursos profissionalizantes pós-médios e ao ensino superior (INEP/MEC 1999 a).

As novas modalidades metodológicas do Enem desenvolvem-se de acordo com os Eixos Cognitivos (comuns a todas as áreas de conhecimento); Dominar linguagens; Compreender fenômenos: construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas; Enfrentar situações-problema. Construir argumentação. Elaborar propostas recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Dentro desses contextos é importante entender o Ensino Médio como modalidade de ensino, como afirma os Parâmetros Curriculares Nacionais: A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) vem conferir uma nova identidade ao Ensino Médio, determinando que o Ensino Médio seja Educação Básica. A Constituição de 1988 já prenunciava essa concepção, quando, no inciso II do Art. 208, garantia como dever do Estado “a progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio”.

Mas, o ENEM trás em suas competências como afirma a Matriz de Referência de Ciências Humanas e suas Tecnologias competências e habilidades a serem desenvolvidas como compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Essa constituição comum das áreas das ciências humanas oferece ferramentas para que o aluno tenha subsídios para interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas do espaço geográfico; identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações; análise dos problemas de ordem econômico-social; Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial; Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica; compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos. Entre outras competências.

Nessa construção da Base Nacional Comum, passa pela constituição dos saberes integrado à ciência e à tecnologia, criados pela inteligência humana. Na área das Ciências Humanas, da mesma forma, destacam-se as competências relacionadas à apropriação dos conhecimentos dessas ciências com suas particularidades metodológicas, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s.

Portanto, pela constituição dos significados de seus objetos e métodos, o ensino das Ciências Humanas e Sociais deverá desenvolver a compreensão do significado da identidade, da sociedade e da cultura, que configuram os campos de conhecimentos de História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Direito, entre outros. Nesta área incluir-se-ão também os estudos da Filosofia e Sociologia, necessária ao exercício da cidadania, para cumprimento do que se determina a lei.

Portanto, o Enem deve buscar o que os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio preconizam, que é o ensino atrelado entre as diversas disciplinas escolares de forma a sistematizar o conhecimento de forma interdisciplinar, como contextualização de conteúdos e resolução de problemas.

Logo, o desdobramento da prática interventiva ocorreu durante o ano de 2014, especificamente entre os meses de abril a novembro do referido ano, nas turmas do 1º e 2º ano Médio. O projeto realizou-se por meio do Programa de Iniciação a Docência PIBID/CAPES/UEPB, subprojeto de Geografia, Que é um programa concebido pelo Ministério da Educação, atendendo às atribuições legais da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), para incentivar e fomentar a formação inicial e continuada de profissionais do magistério. Tem por objetivos a melhoria na qualidade do ensino em escolas da rede pública, especificamente na educação básica, buscando ainda, incentivar a formação de professores.

3.1 Observação na Escola são Sebastiao

O período de observação realizou-se na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Sebastiao, localizado, na Rua Estelita Cruz, n 307, no bairro do Alto Branco - Campina Grande – PB, conta com 1382 (hum mil trezentos e oitenta e dois alunos) tendo como gestores Maria de Fatima Noia Jácome (Gestora geral) Veronica da Silveira Costa Lopes (Gestora-adjunta).

As atividades no âmbito do PIBID, especificamente as observações na escola, juntamente com a aplicação das aulas, aconteceram no período que compreende os meses de abril a novembro de 2014.

A fim de conhecer empiricamente a escola acolhedora das atividades a serem desenvolvidas no âmbito do PIBID, optou-se, inicialmente, pela observação, como método de formalizar o conhecimento prévio, pois, como afirmar Karen Degroot, “A observação cuidadosa é a única chave para consciência completa e verdadeira”. Esse momento proporcionou explorar os ambientes educacionais (Figuras 1, 2, 3, 4), e as funcionalidades das estruturas das salas de aula, biblioteca e cantina, além de observamos a relação professor-aluno estabelecida nessa escola.

Figuras 1, 2, 3, 4: Ambiente Escolar



Fonte: André Anderson Sousa Dias, Escola São Sebastião, 2014.

A partir das observações, verificamos que as aulas, no turno da tarde, começam oficialmente às 13h00. Em nossa primeira visita, fomos até a diretoria e conhecemos o professor que direciona as turmas, que nos passou o perfil dos alunos. Em seguida, o acompanhamos para sala de aula, onde fomos recebidos educadamente e a recepção, por parte dos alunos, ocorreu sem problemas.

Logo no primeiro contato, percebeu-se a deficiência por parte dos alunos em relação à disciplina Geografia. O conteúdo explanado era o de escala cartográfica e os alunos não sabiam ao certo discernir se era um assunto de Geografia ou de Matemática, muitos questionavam, a dificuldade ficou mais explícita com o pedido do professor para resolverem um exercício em que se calculava escala. Muitos estudantes se perderam na atividade e não sabiam ao certo qual seria a finalidade daquele assunto na disciplina Geografia, pois afirmavam que o objetivo da disciplina era saber os nomes das cidades e das capitais, expressando o que as práticas tradicionais nos deixaram de herança.

Como subsídio da pesquisa, foi de suma importância acompanhar as atividades desenvolvidas pelo professor titular, pois estas deram sustentabilidade ao projeto, visto que foi possível observar as necessidades da turma.

No início da aula, o professor pediu que os alunos prestassem atenção junto ao tema aplicado e copiassem as devidas explicações. A atividade referia-se ao

conteúdo de escala cartográfica, e ficou clara a imensa deficiência em Geografia física, a partir desse pressuposto aplicamos um questionário investigativo com intuito de indagar o alunado, e responder ou falsear as devidas hipóteses levantadas. Esse conteúdo seguiu todo o período, atendendo ao cronograma da disciplina referente ao 2º bimestre do ano letivo.

O professor utilizou como procedimento ou estratégia na sala de aula manter os alunos ocupados, escrevendo textos e atividades do quadro, assim eles passavam a aula toda copiando e respondendo as atividades. O professor mencionou que esse era o modo de mantê-los concentrados nos afazeres escolares.

O recurso utilizado em sala, como guia para desenvolvimento das aulas, era o livro didático, o professor se utilizou de exemplos cotidianos e se apropriou de fotografias, para um melhor rendimento do tema abordado. O educador mencionou que o método avaliativo é contínuo, utilizando-se desse modo de provas, seminários, debates, para construção da nota.

Uma grande dificuldade, observada durante as aulas, foi conter a presença dos alunos nas salas. Alguns chegavam atrasados por necessitar de ônibus escolares, pois moravam em cidades circunvizinhas, como Genipapo e Alagoa Nova. Outros, depois da chamada se retiravam, e ficavam transitando pela escola, conversando no pátio.

Assim percebeu-se que essas intempéries atrapalhavam o andamento das aulas, até porque o pátio ficava bem próximo das salas. Mesmo assim, o educador conseguia manter o foco da turma com “pulso forte”, mantendo o equilíbrio de maneira necessária.

Outro problema foi à insuficiência de livros para realização das aulas, muitas vezes os alunos precisavam formar grupos ou até mesmo se utilizar do livro do professor.

3.2 Caracterização da Escola São Sebastião

Segundo o Projeto Político Pedagógico, a Escola do Conjunto Social São Sebastião foi fundada pelo Pe José Bonifácio no dia 04 de março de 1963, conforme Estatuto Publicado em Diário Oficial do Estado, de 14 de Setembro de 1965. Nesta época, além da escola, funcionavam, no mesmo prédio, uma cooperativa, uma

escola de arte-culinária da fundação José Américo de Almeida, bem como um artesanato, um ambulatório, um clube social e teatro.

A partir de 1986, a referida escola teve o seu reconhecimento com a denominação de Escola Estadual de 1º grau São Sebastião, através de decreto governamental, sob número 11.257, de 07 de Março de 1986, publicado em Diário Oficial do Estado pelo governador em exercício José Carlos da Silva Junior e pelo secretário de Educação José Loureiro Oliveira.

Apesar de estar inserida em uma área nobre da cidade, localizada em um bairro de classe média alta, atende a uma clientela, em sua maioria, de baixa renda, oriunda de rede pública municipal dos bairros circunvizinhos, além das cidades de Lagoa Seca e alguns distritos, como Genipapo, Covão, entre outros.

3.3 Dependências Físicas da Escola

Atualmente, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Sebastião, possui as seguintes dependências, (Quadro 1).

Quadro: 1 Dependências física da escola

01 – Laboratório de Informática	01 – Dispensa destinada ao armazenamento dos gêneros alimentícios para a merenda escolar.
01 - Secretária	01 – Sala dos Professores
01 - Biblioteca	01 – Sala de Vídeo
12 – Salas de Aula	10 – Sanitários, sendo 02 destinados aos portadores de necessidades especiais-cadeirantes;
01 -Áreacoberta de aproximadamente 450m ² denominado pátio, onde os alunos fazem refeições e brincam durante o intervalo,e aos sábados praticam atividades recreativas devido a falta de local para este fim.	

Fonte: Projeto Político Pedagógico, Escola São Sebastião, 2014.

As observações das aulas tiveram como propósito exclusivo avaliar o perfil das turmas, de modo que as aulas ministradas pelo professor pudessem, de alguma forma, contribuir para a pesquisa em questão, sendo que o conteúdo trabalhado nas aulas do professor regente compreendiam o assunto de escala cartográfica e fuso horário, que se prolongou por todo o 2º bimestre.

As práticas ou atividades observatorias prosseguiram durante todo o mês de abril, permitiu definir o perfil das turmas e, conseqüentemente, construir o projeto, contemplando a prática do ensino da Geografia por meio da prova de Ciências Humanas e suas tecnologias.

Com objetivo de aferir os conhecimentos dos alunos em relação à disciplina de Geografia e a quantidade de informações que disponham sobre o ENEM, foi aplicado um questionário diagnóstico (Figuras 5, 6), indagando o alunado sobre as suas principais dúvidas em relação à disciplina e sua percepção de como esse ensino se apresenta. Esse questionário foi o canal para perceber as necessidades dos discentes, que levaram ao desenvolvimento das intervenções elaboradas pela pesquisa.

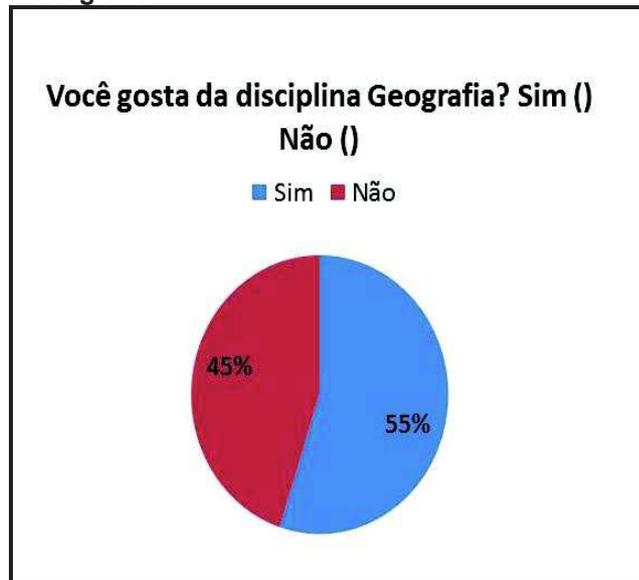
Figuras 5, 6 : Aplicação do Questionario investigativo



Fonte: André Anderson Sousa Dias, Escola São Sebastião, 2014.

Assim, o questionário foi aplicado nas turmas envolvidas e continha perguntas abertas e fechadas, de forma estruturada, para avaliar as respostas dos alunos, acerca da disciplina Geografia e do ENEM. Sendo que a primeira pergunta referia-se a disciplina Geografia e questionava a relação do aluno com a disciplina, como mostra o gráfico 1:

Gráfico 1: Opinião dos alunos sobre a disciplina Geografia



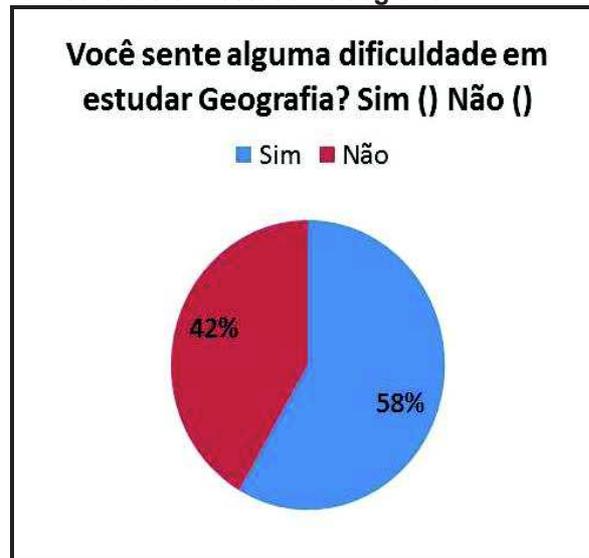
Fonte: Fonte: André Anderson Sousa Dias, 2014.

Analisando as repostas, verifica-se certa aceitação por parte doas alunos em relação ao gosto pela disciplina Geografia, 55% dos alunos gostavam do ensino e dos conteúdos, 45% não gostavam. As respostas foram satisfatórias, tendo uma porcentagem acima da metade com respostas positiva.

O segundo gráfico intitulado: você sente alguma dificuldade em estudar Geografia? refere-se às dificuldades encontradas com o ensino da Geografia, (gráfico 2), 58% dos alunos sentem dificuldade com os conteúdos da disciplina, 42% afirmaram não encontrar obstáculos com os assuntos.

Os alunos que sentem certa dificuldade referiam-se principalmente a parte física, como climas e mapas. Segundo eles, esses temas contêm alguns cálculos matemáticos o que dificulta muitas vezes o aprendizado.

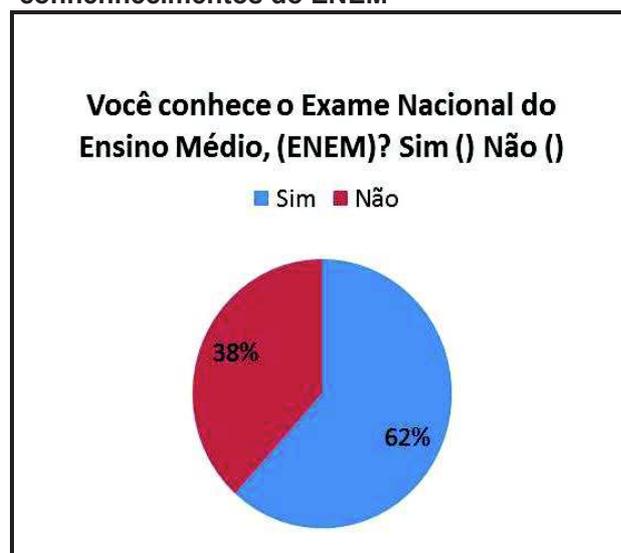
Gráfico 2: Percepção dos alunos sobre a dificuldade em estudar Geografia



Fonte: André Anderson Sousa Dias, 2014.

A seguinte pergunta denominada você conhece o Exame Nacional do Ensino Médio, (ENEM) foi a peça chave para verificar as devidas informações que os alunos dispunham sobre o ENEM, (gráfico 3). As respostas apresentadas permitiram considerar que a maioria dos alunos, conheciam o Exame, ainda que grande parte não tivesse interesse em efetuar a inscrição ou participar da edição 2014, por pensar que o Exame só considerava os alunos do 3° ano do Ensino Médio.

Gráfico 3: Respostas dos alunos sobre seus conhecimentos do ENEM

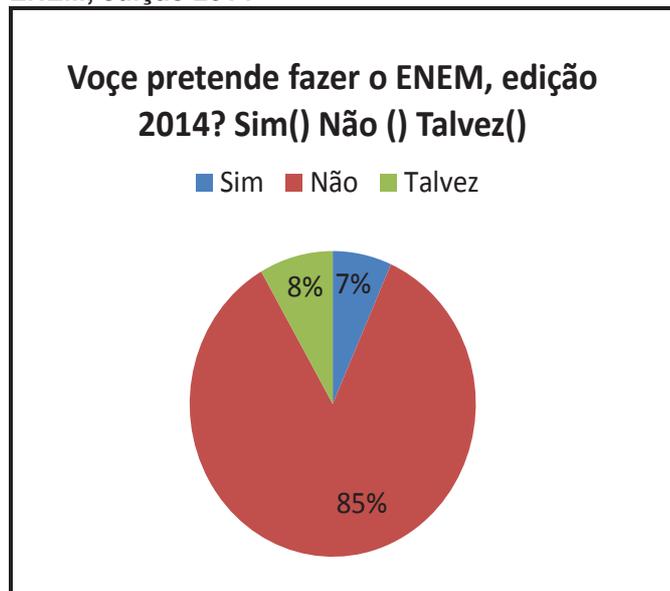


Fonte: André Anderson Sousa Dias, 2014.

A quarta pergunta (gráfico 4), questionava se o aluno faria o ENEM naquele

ano e objetivou saber a quantidade de alunos que pretendia prestar o exame, edição 2014. Como apresentado no gráfico, 4, 85% dos alunos não pretendiam fazer a prova. Essa pergunta permitiu definir os motivos para o desestímulo dos discentes, que não se enxergavam aptos para realizar a prova, muitos dos alunos achavam um fardo ter que estudar para as provas disciplinares da escola e ainda ter que estudar para o ENEM.

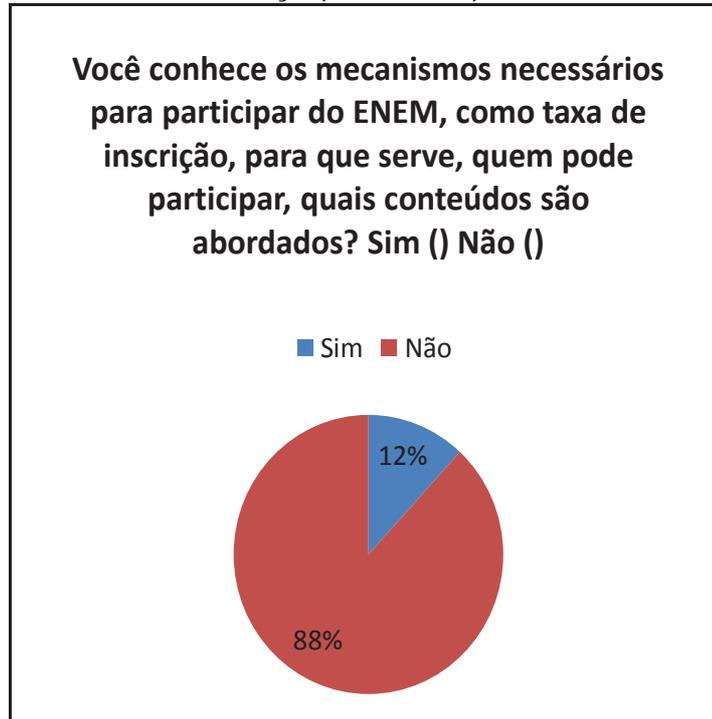
Gráfico 4: Opinião dos discentes sobre prestar o ENEM, edição 2014



Fonte: André Anderson Sousa Dias, 2014.

O gráfico 5 pretende mostrar se os alunos dispunham de informações sobre o ENEM, (gráfico 5), através desse, é possível afirmar que a maioria dos alunos, representados por 88%, não sabiam como funciona o ENEM.

Gráfico 5: Percepção dos alunos sobre os mecanismos necessários para participar do ENEM, como taxa de inscrição, conteúdos, entre outros.



Fonte: André Anderson Sousa Dias, 2014.

4 AS CONTRIBUIÇÕES DO SUBPROJETO PIBID NA ESCOLA SÃO SEBASTIÃO EM CAMPINA GRANDE

Logo, se utilizando dessas informações, foi proposto desenvolver uma atividade interventiva que contemplasse o ensino da Geografia por meio de alguns temas abordados no Exame Nacional do Ensino Médio. Assim a proposta foi apresentada as turmas envolvidas e se verificou grande aceitação por parte do alunado.

Inicialmente, foi necessário fomentar a participação dos discentes do 1º e 2º ano no ENEM - 2014, para tanto se elaborou uma aula para apresentar os mecanismos de funcionamento do exame e responder as principais dúvidas: como se inscrever, taxa de inscrição, para que serve, quem pode participar e que conteúdos são abordados.

Várias indagações a respeito dos valores da inscrição surgiram por parte do alunado, muitos deles, por serem de famílias carentes, não possuíam saldo suficiente para executarem a inscrição. Assim, foi passada a informação de que alunos matriculados na rede pública de ensino são isentos de taxas na inscrição do Exame. Além disso, dentre outras alternativas, foi disponibilizada a sala de informática para os alunos efetivarem sua inscrição.

De modo a prosseguir com a proposta, realizaram-se algumas discussões teórico metodológicas sobre o papel do ensino da Geografia na formação escolar, bem como para o preparo da cidadania e, ainda, enquanto disciplina indispensável para a realização do ENEM.

Assim, uma série de temas como climas, solos, conhecendo o ambiente escolar, entre outros, desenvolveram-se no decorrer do ano, como ferramenta de auxiliar os conteúdos que são trabalhados no ENEM. Dessa forma a culminância do projeto, aconteceu com a resolução da prova de ciências humanas e suas tecnologias, que teve por objetivo colocar em prática as ações desenvolvidas durante o ano, de forma a prepara-los para prestarem o exame.

Um dos primeiros passos desse projeto foi instigar a leitura para além da sala de aula. Desse modo, pediu-se que os alunos escolhesse um tema abordado pela disciplina Geografia, no qual ele tivesse mais dificuldade, em seguida direcionamos os alunos até a biblioteca, onde eles puderam verificar o acervo literário referente ao assunto. Essa atividade aconteceu durante todo o mês de maio de 2014, com fins de

também familiarizar o alunado a conhecer outros ambientes escolares.

Assim, a proposta efetivada possibilitou os alunos conhecer a biblioteca da escola (Figuras 7,8), como também serviu de incentivo à leitura e a pesquisa de livros literários, tendo em vista a melhoria e compreensão dos conteúdos abordados na prova do ENEM, despertar a imaginação e estimular os alunos a entender que o conhecimento pode ser estendido e construído fora das partições físicas das salas de aula.

Figuras 7, 8: Conhecendo os Ambientes Escolares



Fonte: André Anderson Sousa Dias, Escola São Sebastião, 2014.

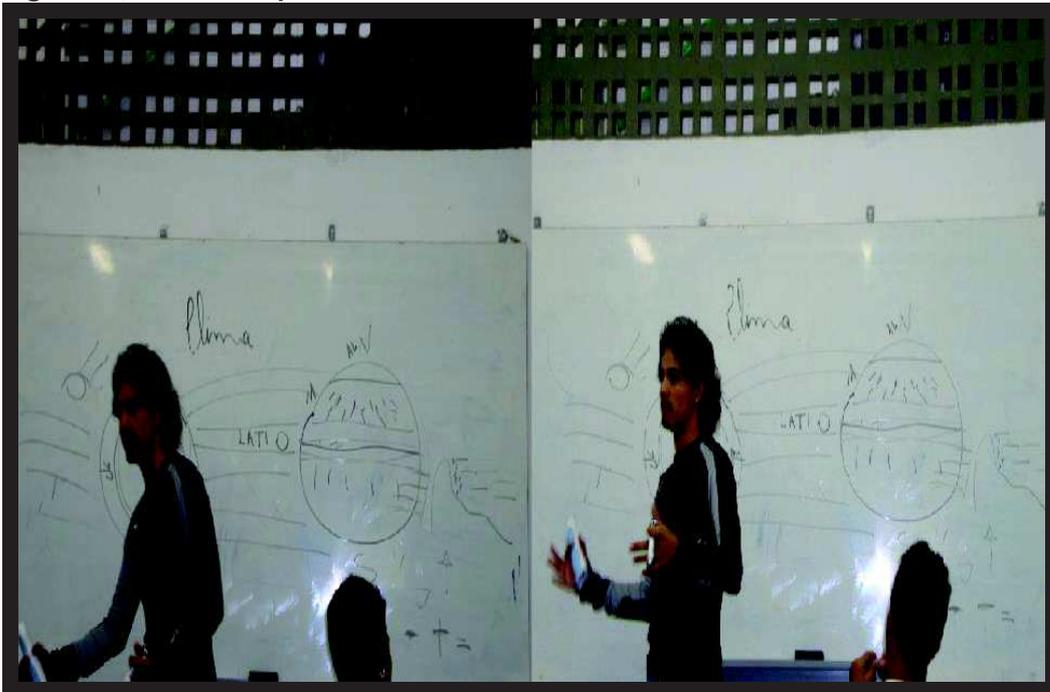
Tentando estabelecer conexões entre o local e o geral, visto que esse é um tema com grande abrangência em todas as edições do Enem, projetou-se uma atividade denominada “Conhecendo as escalas geográficas”. Tal atividade foi uma proposta interventiva com objetivo de incentivar os alunos a conhecerem as diferentes representações terrestres, estabelecendo a diferença entre as dimensões espaciais e as estabelecidas em um mapa. A desenvoltura desta atividade oportunizou os discentes a compreenderem a relação entre as escalas geográficas, advindas das apresentações cartográficas dos mapas, e a distância real, correspondentes ao espaço terrestre.

O clima é outro tema bastante recorrente na prova de Ciências Humanas e suas tecnologias, além de interessante para os alunos que estão inseridos no

semiárido nordestino, região com bastantes irregularidades de chuva, e que, no momento atual, passa por dificuldades de abastecimento de água, por conta da crise hídrica que afeta o local.

Desse modo, articulou-se novamente uma mediação por meio de uma série de aulas expositivas apresentada, com intuito de Compreender a dinâmica climática e os elementos Geográficos que contribuem para os diversos tipos de clima, destacando a importância dos fatores naturais e antrópicos. A atividade proporcionou os alunos conhecer os elementos e os fatores atmosféricos, que agem diretamente na estrutura climática, (Figuras 9, 10), além da fomentação de conhecimento, no que se refere à Conscientização sobre a necessidade de preservação, para manutenção do planeta.

Figuras 9, 10: Aula expositiva Sobre Climas.



Fonte: André Anderson Sousa Dias, Escola São Sebastião, 2014.

O solo é um recurso essencial para o desenvolvimento de toda e qualquer sociedade e é de fundamental importância, para o aluno do Ensino Médio, conhecer a morfologia de um perfil de solo, suas características, seus horizontes e, principalmente, suas camadas. Apesar disso, como uma parte da geografia física, é visto como um conteúdo difícil.

Assim, com o objetivo de ultrapassar essas dificuldades, foi proposto um projeto denominado “Solos: gênese, formação e utilização”, que teve diferentes

etapas. Inicialmente, os alunos se dividiram em grupos de cinco, dessa forma cada equipe ficou responsável por pesquisar um tipo de solo, como, por exemplo, calcificação. Em seguida, o grupo ficaria responsável pela apresentação de cartazes, produzidos a partir dessa pesquisa, com as principais características morfológicas do solo para os colegas (Figuras 11, 12, 13).

Figuras 11, 12,13: Apresentação dos alunos sobre os tipos de solo.



Fonte: André Anderson Sousa Dias, Escola São Sebastião, 2014.

Posteriormente a apresentação das equipes, os discentes foram direcionados para sala de informática (Figuras 14, 15), para assistir um vídeo sobre solos e verificar como se monta um perfil de solo com materiais práticos acessíveis, dessa forma cada equipe ficou responsável por trazer um material, como brita areia, massame, e graminhas de forma a simular um perfil de solo.

Figuras 14,15: Vídeo sobre solos na sala de informática



Fonte: André Anderson Sousa Dias, Escola São Sebastião, 2014.

Desse modo, a culminância desta atividade realizou-se a partir da criação de um perfil de solo (Figuras 16, 17, 18, 19), em que os discentes materializaram as etapas, anteriormente vistas de forma teórica, puderam colocar em práticas e conhecer os materiais que compõem cada horizonte pedogenético, bem como as etapas e os recursos geológicos provenientes da natureza, essenciais para gênese de formação dos solos. A viabilidade desta intervenção possibilitou os alunos buscarem novas alternativas de aprendizado, além de concretizar os conteúdos já trabalhados.

Figuras 16, 17, 18, 19: Montagem do perfil de solo pelos alunos.



Fonte: André Anderson Sousa Dias, Escola São Sebastião, 2014.

Os resultados obtidos com a culminância da pesquisa foram satisfatórios, em uma amostra de 60 alunos, 23 efetivaram suas inscrições junto à edição 2014 do ENEM, além de identificarem por meio do exame, possibilidade de crescimento educacional e profissional.

Os discentes conseguiram preencher diversas lacunas a respeito do exame, muitos delas tinham em mente que o exame era apenas para o 3º ano médio, após essa intervenção, desconstruíram essa ideia, e verificaram possibilidade de preparo desde o 1º ano. Puderam ainda conhecer o Exame como alternativa para conclusão do ensino médio, visto que, obtendo 450 em cada uma de suas quatro provas, é possível receber um certificado de conclusão dessa etapa emitido pelo Ministério da Educação, comprovando as devidas informações de conclusão.

Outro ponto importante foi trabalhar a prova de ciências humanas e suas tecnologias, onde os alunos puderam perceber a interposição de um assunto dentro do outro, a chamada interdisciplinaridade, exemplos como chuvas ácidas foram colocadas em questão, ou seja, à junção da Geografia com a Química, com a Biologia, entre outros.

Muitas indagações a respeito dos valores da inscrição surgiram por parte do alunado, muitos por serem de famílias carentes, não possuíam saldos suficientes para executarem a inscrição, dessa forma foi passada a informação que alunos

ligado a rede pública de ensino são isentos de taxaço na inscriço do exame, dentre alternativas foi levado o alunado para efetivarem sua inscriço junto a sala de informática.

Essas atividades só puderam ser efetivadas graças às açoes do PIBID, que contribuiu com praticidade para a pesquisa, sendo o fator motivador para nossas experiências de modo a contribuir com a formaço continuada dos Professores e graduandos em cursos de Licenciatura, visando promover atividades didáticos pedagógicas, com intuito de elevar a qualidade do ensino público, em parceria entre Educaço Básica e Educaço Superior.

Os projetos interventivos, como solos, climas conhecendo o ambiente escolar, entre outros, tiveram grande aceitaço pelos discentes e foi uma proposta para diversificar a metodologia do ensino da Geografia, ainda bastante tradicional enraizada e restrita a sala de aula, sendo que durante estas atividades os discentes puderam conhecer outros ambientes escolares vistos apenas como ponto de passagem, como a biblioteca e a sala de informática.

Desse modo, trabalhar esses conteúdos com outras roupagens, possibilitou os discentes a verificar que o ensino da Geografia, não apenas pode, mas deve ir além de decorebas de cidades, capitais, montanhas nome de país, belezas naturais. Durante estas atividades os discentes puderam conhecer ambientes escolares vistos apenas como ponto de passagem como a biblioteca e a sala de informática.

Ao trabalhar, por exemplo, o clima, foi proposto, as escalas gerais e locais, de modo que o aluno conheça que sua localidade é parte de uma peça que se entrelaça no geral, assim foi pedido que os alunos pesquisassem os elementos do clima, de forma geral, como temperatura, pressão entre outros, posteriormente foi explanado sobre os fatores climáticos que estão mais ligados a localidade, a exemplo do semiárido, logo os alunos identificaram que a altitude, o relevo, a rocha são fatores determinantes no tipo de clima de um local.

Outro ponto importante é a exclusão que o ENEM vem acarretando cada vez mais com as fronteiras abertas, alunos de toda parte do Brasil de forma simples, pode se inscrever em qualquer universidade sem a necessidade de efetuar uma prova naquela Cidade ou Estado, apenas utilizando as nota do ENEM pelo Sistema SISU, decorre que nem todos os Estados têm índices satisfatórios em relação à educação, aponto de nem todos os discentes entrarem na disputa por uma vaga de forma igualitária, os carentes de Ensino dessa forma serão excluídos facilmente do

processo.

Antes existia o vestibular, restrito as cidades e a quem se dispusesse participar, para tanto o candidato precisava-se inscrever-se e se deslocar até o local da prova. Hoje pelo ENEM, o mesmo realiza sua prova em sua cidade e joga sua nota onde as médias finais tem um peso menor, dessa forma as maiores médias de todo Brasil tendem a retirar as chances dos que ali residem. Com tudo vale ressaltar que o problema não está na mudança que foi aferida, mas sim a forma como foi imposta, sem ter a preocupação antes de ter um preparo pedagógico. Muitos dos alunos sequer sabiam o que era o ENEM, e qual a finalidade do mesmo, muitos ainda recai sobre o pensamento que termina-se os estudos ao fim do Ensino Médio

Os resultados permitiram concluir que, em relação ao ensino, tem muito a ser melhorado, sobretudo quanto à metodologia utilizada pelos professores, que requer maior visibilidade às experiências, vivências dos alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, ainda hoje, um grande abismo em relação às teorias trabalhadas nos conteúdos da Geografia em sala de aula e a prática que se efetiva na vivência diárias dos alunos.

É necessário repensar o que queremos que o aluno aprenda, como chegaremos a esse objetivo e quais metodologias iremos utilizar. O ensino da Geografia ainda está impregnado com modelos tradicionais e, na visão dos alunos, não existe um significado para o ensino dessa disciplina. Assim, o ponto chave para essas novas reformulações do conhecimento geográfico é a formulação de metodologias críticas, colocando o aluno no centro para a escolha dos conteúdos.

Um dos obstáculos é a carga horária bastante reduzida das aulas de Geografia, em comparação com as outras disciplinas. Temos apenas dois dias semanais para sistematizar o aprendizado do aluno, o que acarreta ainda uma maior dificuldade, afinal, serão dois dias suficientes para o aluno compreender a quantidade de conteúdos durante o ano letivo? Será que o tempo é suficiente para colocar em prática a observação, a efetivação de atividades, a realização de provas e ainda relacionar os fenômenos teóricos com a prática? E ainda exigir dos alunos algo além do que foi passado?

Percebemos que esse tempo é insuficiente para prepará-los plenamente para prestarem o Exame Nacional do Ensino Médio, sobretudo alunos, do 1º e 2º anos, que se encontram em um diferente momento no processo de aprendizagem.

Além disso, as escolas continuam adotando as velhas práticas de ensino na qual o professor encontra-se imbuído apenas de ensinar sua disciplina. Nesse novo panorama, precisamos trabalhar em conjunto com outras áreas afins, como Químicas, Biologia ou mesmo a Física. O trabalho interdisciplinar representaria um avanço e tenderia a alavancar a qualidade do ensino, mas é preciso refletir se as escolas do Brasil estão preparadas para esse modelo.

Com a relação ao ensino aprendizagem tradicional, é muito difícil para o aluno associar o conhecimento escolar com as competências exigidas durante a resolução do Enem, pois temos uma metodologia em que não é possível a problematização das situações cotidianas e não segue uma abordagem interdisciplinar. Portanto, não se prepara os discentes para a realização de uma prova como é a desse exame.

O mesmo pode ser entendido como uma ponte, de um lado está a Educação Básica e do outro o ENEM, decorre que nessa travessia algumas cordas se rompem por consequência da falta de diálogo entre as metodologias exigidas pelo ENEM, e a forma que os conteúdos são ministrados nas diversas escolas, na Educação Básica, de modo que o déficit recai principalmente ao final do Exame e principalmente sob os alunos da rede pública de Ensino, pois o aluno não conseguiu captar de forma coesa essas exigências interdisciplinares, se para o professor é uma tarefa difícil, imagina para os discentes em processo de aprendizagem.

No caso paraibano, estávamos impregnados com o vestibular tradicional, sobretudo os professores, que já tinham em seu corpo metodológico uma preparação conceitual. Embora a prova de Geografia trabalhasse os conteúdos locais, a exemplo da categoria lugar, no vestibular, não precisávamos dessa “revolução” interdisciplinar, imposta pelo ENEM, ao juntar os conteúdos em quatro áreas do conhecimento, sem se preocupar em preparar a educação básica para essa transição.

É necessário também rever as repartições estruturais das escolas, que deve ser o lugar aconchegante, preparado para atender o alunado, de modo que ele se sinta à vontade dentro de um modelo que vise contemplar uma educação libertadora e igualitária, que acompanha e introduz o uso de novas tecnologias. O ensino interdisciplinar é um desafio, mas o uso dessas tecnologias proporciona e dá viabilidade a esses novos modelos de ensino.

No entanto, a educação parece ter ficado estagnada no século XIX, paredes úmidas e quentes, com métodos restritos, muitas vezes, pelo quadro negro, o giz e a voz de quem muito fala e pouco é escutado, o professor.

Para que ocorra uma mudança nesse processo, não basta apenas capacitar os docentes, é preciso uma revolução em todo o sistema de ensino, a começar pela valorização do professor, visto que o docente bem remunerado se dispõe a exercer de maneira satisfatória suas atividades.

Apesar de tudo, verifica-se que esta atividade possibilitou aos alunos compreenderem a dinâmica do Enem e a importância do mesmo para o ensino Médio. O projeto materializado demonstrou a importância do PIBID na construção de metodologias capazes de induzir o aluno a refletir e ultrapassar modelos de ensino tradicionais.

Nesse sentido, a pesquisa atingiu o objetivo de aproximar os alunos da

disciplina de Geografia e incentivá-los a participarem do ENEM. Ao concluir esse estudo, entendemos que os objetivos propostos foram alcançados, visto que houve um grande aproveitamento e participação por parte do alunado durante todo o processo até a culminância das atividades interventivas e com o número de inscritos para prestar o ENEM - 2014.

No entanto, estas constatações servirão como motivação para futuras pesquisas, leituras e discussões, demonstrando como uma intervenção simples poder contribuir com a construção da formação docente, suas práticas e ser capaz de adaptar o ensino ao espaço no qual se inserem os alunos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de – **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

AZEVEDO, A.de; MONBEIG; P; CARVALHO, M. da C.V.de. **O ensino Secundário de Geografia- secção resgatando textos-original de 1935**. Revista Orientação n.18,p113-115,1990. Documento Original disponível na revista Geografia,v.1,n.4. 1935.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional- LDB 9394/96**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 1997^a

CARVALHO, D. de. Methodologia do ensino Geographico: **Introdução aos Estudos de Geographia Moderna**. Petrópolis: Vozes,1925.

CAVALCANTI, Lana de Souza.**Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas, SP: Papirus,1998

DIAS, André Anderson Sousa; SILVA, Fernando Florêncio da; CAVALCANTE, Bezerra Cavalcante – **A importância dos solos, no ensino de Geografia**: o uso da terra na construção do espaço. Campina Grande: Realize, 2014.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia? São Paulo: Loyola, 1979.

GEOGRAFIA: **Práticas pedagógicas para o ensino Médio**: Volume 2/organizadores ,Nelson Rego, Antônio Carlos Castrogiovanni, Nestor André Kaercher. –Porto Alegre: penso, 2011.

GOLDBERG, Marco César. **Educação e qualidade**: repensando conceitos. Revista Brasileira de estudos pedagógicos. São Paulo, v. 79, p. 35-45, Set./Dez.1998.

INEP/MEC. **Exame Nacional do Ensino Médio 1998: relatório final**. INEP, Brasília, 1999.

KAERCHER, Nestor André. **O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos A superar no ensino-aprendizagem de Geografia.** In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Geografia em perspectiva. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KIMURA, Shoro. **Geografia no ensino básico: Questões e propostas.** São Paulo, contexto, 2008.

Lost. Segunda temporada. **Uma experiência estendida.** Direção de J.J. Abrams. Produção de **Carlton Cuse. ABC, 2005. DVD1**

MEC/Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: bases legais.** Brasília: MEC, 1999.

MELO, Adriany de Ávila; VLACH, Vânia Rubia Farias; SAMPAIO, Antônio Carlos Freire. **História da Geografia escolar brasileira: continuando a discussão in.** VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2006, Uberlândia. Anais do COLUBHE – UFU, 2006, v. 1 p. 1-12.

MORAES, A. C. R. Geografia e ideologia nos currículos de 1º Grau. In Barreto, E.S.de S. **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras** .São Paulo: fundação Carlos chagas ; campinas : autores associados, 1998

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

Orientações curriculares para o Ensino Médio/Geografia: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

Vesentini, Jose Wiliam **O Ensino De Geografia No Século XXI/** (Org.). Campinas, São Paulo:Papirus,2004.

VLACH, Vânia Rubia F. O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica. In. VESENTINN, José W. (org.) **O ensino de Geografia no século XXI.** Campinas, SP: Papirus, 2004.

APÊNDICES



**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA –
PIBID – SUBPROJETO DE GEOGRAFIA
QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO AS TURMAS PARTICIPANTES
QUESTIONÁRIO ADPATADO, FONTE PIBID**

01. Qual a sua opinião a respeito da disciplina de Geografia?

02. Em sua opinião, qual é o papel que a Geografia desempenha na escola, sobretudo no nível médio?

03. Você consegue perceber se existe aproximação entre os objetivos do ensino de Geografia e a forma como a disciplina é trabalhada na sua escola? **Explique.**

04. Relate um pouco de sua experiência ao estudar Geografia nos níveis fundamental e médio, ou seja, sobre as metodologias e recursos didáticos utilizados pelos professores, sobre os processos de avaliação escolar, etc.

05. De que modo a Geografia se faz presente no seu dia-a-dia?

06. Você sente alguma dificuldade em estudar Geografia? Explique.

07. Você conhece o exame nacional do ensino médio, (ENEM)? Sim () Não ().

08. Você pretende fazer o ENEM esse ano? Sim () Não (). Por quê?

09. Você consegue perceber a inter-relação entre o conteúdo programado pelo professor, e os conteúdos necessários para prestar o exame? Sim () Não (). Por quê?

10. Você conhece os mecanismos necessários para participar do Enem, como taxa de inscrição, para que serve, quem pode participar, quais conteúdos são abordados? Sim () Não ().

11. Apresente algumas sugestões para as aulas de Geografia na sua escola, dando mais condições para realizar com mais qualidade a prova do ENEM.